





# HOMENAGEM PÓSTUMA



## Homenagem à memória de quem cuidou da nossa memória

*Terezinha Alves de Oliva*

O Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe deve uma homenagem ao professor e pesquisador laranjeirense **Pedrinho dos Santos**, que nos deixou em 19/12/2018, aos setenta e três anos. Nunca é tarde para realçar a importância desse antigo membro do Sodalício, colhido pela morte em plena atividade intelectual, que deixou uma lacuna ainda não preenchida. Pedrinho dos Santos se fez pesquisador em história já maduro, depois de uma trajetória que inclui as experiências de um menino pobre, filho do ferroviário Rosalvo dos Santos e da dona de casa Maria Victória dos Santos. Na luta pela vida, não regateou trabalho: prestou concurso para a Leste Brasileiro, invalidado quando do golpe civil-militar; cursou a Escola de Auxiliar de Enfermagem de Sergipe, tendo atuado no Hospital de Cirurgia; trabalhou como auxiliar de almoxarife da Companhia de Cimento Portland; foi professor de Educação Física, pesquisador do IBOPE, vendedor de material escolar e de escritório e foi também radialista. Toda essa trajetória, que compreende a colaboração em jornais e revistas, como a Gazeta de Sergipe, a Tribuna de Aracaju, a Revista Alvorada e órgãos de fora do estado, está relatada no primeiro livro do homenageado e tem aqui o depoimento do amigo professor Lourival Santana Santos, a quem agradeço.

Na década de sessenta, o jovem Pedrinho tentou estudar na então União Soviética e, quando se viu impedido de fazê-lo, entrou para o Curso de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe. Teve problemas com o regime militar, já que esteve envolvido na política estudantil e chegou a ser eleito, em 1976, presidente do Diretório Acadêmico João Ribeiro (área



de Ciências Humanas), além de ter representado os estudantes sergipanos nos debates para reinstalação da União Nacional dos Estudantes (UNE). Tendo cumprido suspensões que atrapalharam o Curso, terminou mudando e graduando-se em História. Ao lado da atividade política, Pedrinho dos Santos participou ativamente da vida acadêmica do Curso de História, como Monitor, por vários semestres, da disciplina Introdução aos Estudos Históricos. Nesta função, que eu acompanhei de perto, atendia com presteza às tarefas, fosse para esta professora ou para os colegas que se iniciavam em História, sempre com muita disponibilidade, apoiando-os e ajudando-os nos trabalhos que incluíam iniciação à pesquisa histórica e, principalmente, o manejo das fontes.

Uma vez graduado como professor de História, atuou na rede estadual e foi membro do corpo docente do ensino superior, nos cursos do Centro de Estudos do Desenvolvimento, sediado em São Paulo. Entretanto, sempre demonstrou a sua preferência e habilidade pela área da pesquisa histórica e pelo trabalho em instituições de memória. No Arquivo Público do Estado de Sergipe, foi chefe da seção cultural. Em 1979, chegou a integrar o Projeto Barão do Rio Branco na pesquisa “Resgate das Fontes Históricas das Capitânicas de Sergipe e Bahia existentes no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa”. Junto com o professor da UFS Lourival Santana Santos, esteve então em Lisboa, Portugal, mas problemas de saúde o impediram de continuar, inadaptado ao clima do inverno europeu. Ao retornar, continuou sua faina de professor da rede pública estadual, mas passou a atuar no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE).

Presidia o IHGSE, desde 1972, a professora Maria Thetis Nunes. Sua gestão estendeu-se por mais de trinta anos e enfrentou períodos de muita dificuldade, em que ela teve que adaptar as atividades do Instituto, para garantir-lhe a continuidade. Como mostra DANTAS (2012) até as reuniões de Diretoria escassearam; as sessões solenes se tornaram raras e a Revista não pôde cumprir regularmente a sua periodicidade. Em algumas fases o Instituto limitou-se a atender à rotina burocrática e se mantinha aberto para eventuais leitores e pesquisadores. Mas o mesmo autor considera que a qualidade



dos serviços burocráticos teve então uma grande melhoria com a chegada de Maria Benemérita Vilela em 1979, contratada como secretária administrativa e orientadora de pesquisa e, de 1982 a 1987, com a atuação de Pedrinho dos Santos. Ambos graduados em História, seus nomes são inscritos na história do Instituto pela elevada contribuição que prestaram à Casa de Sergipe. Como diz DANTAS (2012:330), “com esses quadros, Vilela e Santos, houve algumas providências no sentido de organizar a vida da instituição. Surgiram os relatórios anuais de atividades e houve ações reveladoras de zelo pelo patrimônio, tais como a expedição de ofícios pedindo aos sócios a devolução dos livros do IHGSE que guardavam em casa.”

Assim, por diligência de Benemérita Vilela e Pedrinho dos Santos, o IHGSE pôde realizar importantes ações de proteção ao acervo, apesar das inúmeras dificuldades. No caso de Santos, foram seis anos de atuação diligente, solícita e cuidadosa que colaborou de modo fundamental para que o Instituto mantivesse as atividades básicas, como casa receptiva aos que a procuravam para pesquisar ou simplesmente para ler livros e jornais do seu acervo: isto, como reconhece DANTAS, foi importante para a permanência das atividades, impedindo que o Instituto interrompesse a sua trajetória. Mas a atuação de Pedrinho dos Santos ultrapassou aquele período, pois ele continuou como sócio e até como membro da diretoria (primeiro secretário), emprestando apoio e trabalho à Casa de Sergipe. Das atividades do IHGSE uma das mais importantes é a publicação da sua Revista. O professor Pedrinho ajudou a mantê-la, com a organização de alguns números, como aconteceu com o número 33, relativo aos noventa anos do Instituto, que engloba o período 2000-2002 e que foi por ele organizado.

Não há dúvidas de que a passagem do homenageado pela Casa de Sergipe aumentou a sua intimidade com as fontes históricas e o preparou para voos mais altos. Ele tentaria um concurso para o Departamento de História da UFS, em que não foi bem-sucedido, mas em 1995, convidado por Luiz Antônio Barreto, foi trabalhar em outra casa de memória, a Biblioteca Pública Epifânio Dórea. Esta, a instituição pública de cultura mais antiga de Sergipe, fundada em 1848, guarda um apreciável acervo de livros, jornais, fotografias,



revistas que passaram a ter em Pedrinho dos Santos o seu maior conhecedor. Ele praticamente fez da Biblioteca a sua própria casa, pois de lá só saía, praticamente, para ir dormir. Não era raro encontrá-lo no expediente estendido, pois quando havia eventos noturnos na Biblioteca, ele ainda podia ser visto lá. A mesma cortesia, o mesmo interesse pelo acervo o fazia figura notória da Biblioteca, a partir do seu birô imerso no acervo, no meio das estantes, respirando o mesmo ar dos livros de que cuidava.

Ainda em 1984 ele escrevera o trabalho “Instituições Culturais de Sergipe”, inédito, mas muito citado, revelando o conhecimento que acumulara no trato com essas instituições. Sua contribuição à Casa Afro Sergipana, de Severo D’Acelino, assim como às revistas e jornais já citados, é notória. Ele se tornou membro do Conselho Estadual de Cultura, do qual foi presidente, mas Pedrinho dos Santos surpreendeu como autor de livros, por ele mesmo financiados, os quais não vendia, nem apresentava em lançamentos. Decidiu publicar sempre com recursos próprios, os cinco livros com que brindou os amigos e interessados, declarando que o fazia “sem o constrangimento do patrocínio mendicante” (2006). Além de custear as edições, ele distribuía pacientemente os volumes que autografava com afeto e homenagens, enviando-os para a casa dos amigos, sempre carimbados com um “Venda Proibida. Oferta do Autor”.

O “mais humilde dos agrimensores da cultura sergipana”, como ele se intitulou num autógrafo que me fez, revelou-se pesquisador seguro, vasculhando arquivos aqui e alhures, anexando documentos na íntegra e apresentando novidades à discussão da historiografia sergipana. Em estilo seguro, atraente, ele destacou as características da luta entre chefes políticos de Japaratuba no movimento republicano em “A Proclamação da República na Missão de Japaratuba (1990) e estudou a vida do intelectual, maçom e militar laranjeirense Moreira Guimarães em “Moreira Guimarães, um sergipano filósofo do Brasil” (1996), curiosamente dedicado “Aos gays, lésbicas, travestis, negros e prostitutas que abertamente enfrentam e combatem os preconceitos de toda espécie, em todas as partes, em todos os tempos.”



Já no novo século Pedrinho dos Santos publicou, em 2006, “O comedor de Jia”, ensaio baseado em processo contra uma escrava, menor de idade, acusada de ter envenenado o seu senhor, o escrivo de órfãos de São Cristóvão, em 1849. É uma obra de caráter literário, mas que não deixa de apresentar documentação escrita e iconográfica. Já em 2010 ele lançou “A pena de morte em Sergipe e outros relatos da História” que trata das execuções de sentenças de morte na Província de Sergipe e em outros locais do Brasil. Motivou o autor a afirmativa corrente de que o Imperador Pedro II teria abolido a pena de morte no País a partir da execução de um réu inocente em Itabaiana, Sergipe. O autor, baseado em extensa pesquisa, contesta tal afirmação e em uma segunda edição da obra, em 2014, acrescenta novos documentos iconográficos e escritos.

Assim foi Pedrinho dos Santos, nome ligado às instituições de memória, ao ensino, à pesquisa histórica, à escrita da história. Três grandes casas de memória guardam, da passagem dele, a marca indelével. O Arquivo Público do Estado de Sergipe deu à sua Sala de Consultas o nome do professor; na Biblioteca Epifânio Dória a sua figura é inesquecível e o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe reconhece, agradecido, o seu trabalho meritório. A obra de 2014 anunciou um próximo livro que não chegou a ser publicado, o que denuncia a existência de originais inéditos que indicam uma obra mais extensa. Vale a pena ler os escritos do professor Pedrinho dos Santos que, pelas características da personalidade do autor, ficaram à margem do circuito, sem vendas, sem lançamentos, com uma distribuição centralizada e limitada por recursos próprios. Pedrinho era cortês, discreto, humilde, prestativo e um militante da guarda da memória sergipana. Seus livros denunciam marcas do preconceito racial que enfrentou, ao tempo em que divulgam o que parece ter sido o objeto do seu amor maior: documentos históricos, dos quais ele foi também um guardião incansável.



## *Referências :*

ANDRADE, Adailton. **Pedrinho dos Santos: “o guardião da História e Memória Sergipana”**. <https://fontesdahistoriadesergipe.blogspot>. Acesso em 16/12/2021.

DANTAS, José Ibarê. **História da Casa de Sergipe (1912/2012)**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE (Coleção Biblioteca Casa de Sergipe).

SANTOS, Pedrinho dos. **A Proclamação da República na Missão de Japaratuba**. Aracaju: Infographics, 1990.

\_\_\_\_\_. **Moreira Guimarães um sergipano filósofo do Brasil**. Aracaju: Edição do Autor, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Comedor de Jia** . Aracaju: Edição do Autor, 2006.

\_\_\_\_\_. **A pena de morte em Sergipe e outros relatos da História**. Aracaju: Infographics, 2010.

\_\_\_\_\_. **A pena de morte em Sergipe e outros relatos da História**. 2 ed, Aracaju: Gráfica J. Andrade, 2014.

